

# ANÁLISE NARRATIVA DIALÓGICA EMANCIPATÓRIA EM DIÁLOGO COM ANÁLISE NARRATIVA, DE CONTEÚDO E DE DISCURSO

## DIALOGICAL EMANCIPATORY NARRATIVE ANALYSIS IN DIALOGUE WITH NARRATIVE, CONTENT AND SPEECH ANALYSIS

## ANÁLISIS NARRATIVA DIALÓGICA EMANCIPATORIA EN DIÁLOGO CON LA ANÁLISIS NARRATIVA, DEL CONTENIDO Y DEL DISCURSO

Valéria Marques de Oliveira\*  
marquesvaleria@globo.com

Cecilia Raquel Satriano\*\*  
ceciliasatriano@hotmail.com

Edneusa Lima Silva\*, \*\*\*  
evajom@gmail.com

\* Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ – Brasil

\*Discente do Programa de Pós-Graduação Strictu Senso em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, Seropédica/RJ - Brasil

\*\*Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Nacional de Rosario, Rosário- Argentina

\*\*\* Docente do Curso de Graduação em Psicologia pela Faculdade Sul Fluminense - FaSF - Volta Redonda/RJ – Brasil

### Resumo

O propósito deste artigo é apresentar a Análise Narrativa Dialógica Emancipatória em comparação à Análise Narrativa, de Conteúdo e de Discurso. A pesquisa qualitativa pode assumir diferentes desenhos metodológicos, dependendo da escolha teórica de base e o objetivo de pesquisa. Uma destas possibilidades é a Análise Narrativa. A partir da epistemologia não-ordinária, propomos seu alargamento conceitual metodológico enquanto Análise Narrativa Dialógica Emancipatória. A análise proposta tem relação estreita com a ampliação da percepção e da consciência, e a construção da realidade (interna e externa) presentes na interação pesquisador-pesquisado. Para a sistematização desta proposta teórica-metodológica, optamos iniciar pela revisão conceitual comparativa entre Análise Narrativa, Análise de Conteúdo e Análise de Discurso para chegar à Análise Narrativa Dialógica Emancipatória propriamente dita. Pretendemos, ao final, contribuir para pesquisas que valorizam a subjetividade humana, principalmente em investigações do cotidiano que focalizam a interação e valorizam pontos de rupturas, transformações e abertura ao novo com a ampliação da percepção e da consciência. Seu ponto diferencial é a aplicação do olhar fluido, no qual se inclui o próprio pesquisador.

**Palavras-Chave:** Análise de Conteúdo. Análise de Discurso. Análise Narrativa Dialógica Emancipatória.

### Abstract

The purpose of this article is to present the Dialogical Emancipatory Narrative Analysis in comparison to Narrative, Content and Speech Analysis. Qualitative research may take different methodological designs, depending on the theoretical choice of base and the research objective. One of these possibilities is Narrative Analysis. From the non-ordinary epistemology, we propose its methodological conceptual extension as Dialogical Emancipatory Narrative Analysis. The proposed analysis is closely related to the expansion of perception and consciousness, and the construction of reality (internal and external) present in the researcher-researched interaction. For the systematization of this theoretical-methodological proposal, we chose to begin with the comparative conceptual review between Narrative Analysis, Content Analysis and Discourse Analysis to arrive at the Dialogical Emancipatory Narrative itself. In the end, we intend to contribute to research that values human subjectivity, especially in everyday investigations that focus on interaction and value points of ruptures, transformations and openness to the new with the expansion of perception and awareness. Its differential point is the application of the fluid gaze, in which the researcher himself is included.

**Keywords:** Content Analysis. Discourse Analysis. Emancipatory Dialogical Narrative Analysis.

### Resumen

El propósito de este artículo es presentar el Análisis narrativo dialógico emancipatorio en comparación con el Análisis

narrativo, de contenido y del discurso. La investigación cualitativa puede tomar diferentes diseños metodológicos, dependiendo de la elección teórica de la base y el objetivo de la investigación. Una de estas posibilidades es el análisis narrativo. Desde la epistemología no ordinaria, proponemos su extensión conceptual metodológica como Análisis narrativo dialógico emancipatorio. El análisis propuesto está estrechamente relacionado con la expansión de la percepción y la conciencia, y la construcción de la realidad (interna y externa) presente en la interacción investigada por el investigador. Para la sistematización de esta propuesta teórico-metodológica, decidimos comenzar con la revisión conceptual comparativa entre Análisis narrativo, Análisis de contenido y Análisis del discurso para llegar a la narrativa dialógica emancipatoria. Al final, pretendemos contribuir a la investigación que valora la subjetividad humana, especialmente en las investigaciones cotidianas que se centran en la interacción y los puntos de valor de las rupturas, las transformaciones y la apertura a lo nuevo con la expansión de la percepción y la conciencia. Su punto diferencial es la aplicación de la mirada fluida, en la que se incluye al propio investigador.

**Palabras clave:** Análisis de contenido. Análisis del discurso. Análisis narrativo dialógico emancipatorio

---

## INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é a apresentação da Análise Narrativa Dialógica Emancipatória em comparação à Análise Narrativa (canônica), de Conteúdo e de Discurso. Estas análises utilizadas em pesquisas de cunho qualitativo valorizam o aspecto simbólico da representação humana, e despertam debates e reflexões diante do desafio da construção do conhecimento científico que considera a subjetividade. Este desafio torna-se peculiar, ao exigir a coerência entre epistemologia e metodologia que rompa com a perspectiva positivista, e abra-se para novas construções do conhecimento científico. Na perspectiva teórica-metodológica apresentada, destacamos a importância da aplicação do olhar fluido (MARQUES, 2005) aos dados, incluindo o olhar voltado ao próprio pesquisador, assim como o valor da enunciação como elemento emancipador.

O olhar fluido baseia-se na epistemologia não-ordinária, de Morin (Teoria da complexidade) e de Maluf (Teoria dos Isomorfos não-triviais). O manejo do olhar fluido varia na aplicação escala (variação da extensão do foco do campo) e na lente de observação (matriz operatória – conhecimento, experiências e valores \_ aspectos cognitivos e afetivos) utilizada por cada especialidade. Não se pode observar várias escalas ao mesmo tempo e nem utilizar várias lentes simultaneamente, além disto, a realidade captada é sempre parcial. A dinâmica do olhar fluido abarca o ponto de vista (consciência da habilidade de observar e não observar \_ questões não-conscientes e inconscientes) e ponto cego (não consciência da inabilidade de observar) (MARQUES, 2005). O olhar fluido é flexível, ele é

O olhar comprometido eticamente, como uma ação ideológica, em constante atualização, composta de elementos conscientes e inconscientes, que sofre influência contextual e que resulta da interação entre o observador e o observado, provocando mudanças perceptíveis ou não no observador (MARQUES, 2005, p. 95).

A ampliação da consciência está implicada na ampliação perceptiva, na fluidez do olhar. Este olhar significa perceber/construir a realidade na interação, e não se reduz a enxergar, a perceber com os

olhos. Esta amplitude não ocorre ao acaso ou espontaneamente, ela demanda dedicação e determinação. Junto à aplicação do olhar fluido vem a ansiedade frente ao novo, razão, emoção e conação são indissociáveis. A interação provoca, desequilibra, instiga, questiona, demanda a construção do conhecimento. Esta situação pode ser aceita e vivenciada, como também pode ser negada ou ignorada. Apostamos que o desenvolvimento saudável está no aceite a correr riscos, assumir a proatividade a partir do não-saber, questionar a si e ao outro quanto a sua contribuição para o bem-estar. A aplicação do olhar fluido não é neutra, há um fundamento ético comprometido com a vida.

A enunciação como elemento emancipador relaciona-se também com a perspectiva da epistemologia não-ordinária. A enunciação tem lugar como fator libertário, de emancipação (DUSSEL, 2002). Na diferenciação entre indivíduo (organismo de uma espécie), pessoa (um ser humano) e sujeito (inconsciente), enfatizamos no texto o uso do último termo para diferenciar o sujeito do enunciado e da enunciação. Este sujeito, é o sujeito do desejo que se constitui no campo da representação (articulação de significantes), não se iguala ao “eu” biológico ou social (OLIVEIRA; SATRIANO, 2014).

A emancipação exige comprometimento social com uma forma de ser e estar no mundo. “A proposta em questão, em torno da emancipação, exige, então, atuações que não estejam desvinculadas do campo político (PAZELLO; MOTTA, 2013, p. 129).

A narrativa, em suas diversas modalidades textuais e não textuais, alimenta a capacidade representativa de enunciação do sujeito. A enunciação aponta para a marca e libertação na dialética da diferença. Quando a diferença é positivada, o sujeito encontra-se com sua singularidade, e pode distinguir o que é seu e o que é do outro. Com isto, pode fortalecer-se e não ser capturado ou libertar-se da enunciação de outro que o coloca em lugar de objeto. Esta ação é política, aprendida e negociada no coletivo, visto que a diferença não isola, singulariza, e simultaneamente aproxima na identificação das semelhanças com o grupo. A autoecoorganização que se organiza nesta dinâmica diferença-semelhança, de modo retroativo fortalece a autorepresentação e o autoconhecimento (OLIVEIRA, SATRIANO, 2014).

A capacidade simbólica representativa, expressa principalmente na linguagem, caracteriza a especificidade humana. A interação homem & meio é mediada pela linguagem que o constitui como sujeito. Configuram-se as questões: Como investigar o ser humano a partir de seu aspecto simbólico? Como considerar sua capacidade simbólica de construir a realidade interna e externa e constituir-se enquanto sujeito? Como coletar, organizar e analisar dados sem aniquilar esta sua condição primordial?

Nossa proposta para estas questões é estudar a representação, sem buscar relação de causalidade, e sim relações descritivas interpretativas que apontem direções possíveis para compreensão do recorte investigado. Ressalta-se a riqueza simbólica, a negociação de sentido, o encontro Eu-Outro, a visão hologramática e sistêmica, e o dinâmica interativa texto/não texto/contexto. Partimos do ser humano, de sua habilidade e competência para construção narrativa relacionada à sua condição de ser biopsicosocialespiritual. A condição biopsicosocial é mais conhecida, a parte espiritual é relacionada à consciência de si como parte do Todo, conectado e “re-ligado” a todas as coisas (BOFF, 2000, 2001; LELOUP; CREMA, 2015; MEDEIROS, 2016).

Propomos uma subversão no conceito canônico de narrativa. O conceito base que propomos de narrativa a conceitua como: a expressão do ser em interação. Esta conceituação em si já aponta para a ampliação conceitual de narrativa, visto que não se restringe ao ser humano, e enaltece a visão hologramática. Todavia, este ponto não será aprofundado neste artigo, pois aqui a centralidade está nas características específicas da narrativa humana.

Para entender resumidamente a proposta da Análise Narrativa Dialógica Emancipatória, vejamos a ideia conceitual de cada termo: a) narrativa – expressão do ser em interação que atualiza questões internas (enredos enquanto tessitura temática) e contextuais (enredos enquanto espaço-tempo); b) dialógica – vivência do diálogo, a esfera do *entre* no encontro Eu-Tu (o ser humano e o outros seres) pautado na reciprocidade e Eu-Isso; c) emancipatória – possibilidade do humano debruçar-se no sentido de sua existência e optar pela autonomia e prática da liberdade, através de sua enunciação.

Decorrente desta proposta de subversão conceitual da narrativa, está a metodologia de sua análise. A compreensão canônica das análises de narrativas calcada na análise textual (verbal- escrita e/ou oral) é deslocada para a ênfase da análise narrativa como construção simbólica biunívoca que se processa na interação. Defendemos este método como uma alternativa válida para o estudo da subjetividade humana, considerando simultaneamente o textual, não textual e contextual em movimento de atualização. Esta proposição mostra-se indicada principalmente em pesquisas do cotidiano, onde não há interesse no controle da variável de estudo e, sim, na sua descrição, interpretação e compreensão.

O artigo estrutura-se em duas seções: a primeira seção apresenta resumidamente cada proposta de análise: Narrativa (canônica), de Conteúdo e de Discurso, nos seus aspectos fundamentais. Esta revisão prepara o terreno teórico metodológico para a segunda seção na qual é apresentada a proposição do alargamento conceitual para Análise Narrativa Dialógica Emancipatória.

## FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE NARRATIVA, DE CONTEÚDO E DE DISCURSO

A abordagem narratológica é amplamente aplicada, contudo, com isto corre-se o perigo de esvaziar o conceito de narrativa. Os pesquisadores neste campo apresentam uma pluralidade de perspectivas teórico-metodológicas, com diferentes visões sobre a natureza da narrativa e do self, assim como dos métodos de abordagem e níveis de análise (GERMANO; CASTRO, 2010).

Na literatura, ainda há muita confusão entre os termos utilizados no campo de estudo sobre narrativa, sendo que, por vezes, termos diferentes são utilizados como sinônimos, ou termos iguais são utilizados com acepções distintas. Isto dificulta a comunicação na comunidade de pesquisa e compromete o avanço da área. Talvez fosse mais apropriado discutir sobre Campo de Pesquisa Narrativa. Mesmo sem entrar na categorização pormenorizada, de modo geral, várias são as possibilidades de análises a partir da narrativa:

Tipo de investigação	Foco principal
Análise temática	Enaltece os tópicos principais da narrativa, o que é dito, seu conteúdo (muito usado também na Análise de Conteúdo). O pesquisador identifica as unidades, interpreta e compara as narrativas como aparecem. A entrevista sem-estruturada é uma forma frequente de coleta de dados.
Análise estrutural	Enaltece a narrativa em sua estrutura e formato, ou seja, como a narração é organizada, como a estória é contada, tanto no seu conteúdo quanto em sua sequência e estratégias usadas na composição narrativa para aproximar-se a audiência.
Análise dialógica/perfomática	Enaltece o caráter dialógico e estuda como o narrador envolve seu interlocutor, isto é, analisa e interpreta a forma e contexto do diálogo estabelecido entre o narrador e o outro, como por exemplo, quais argumentos são usados, o que faz para atrair, manter e persuadir o interlocutor, como a ação é tratada e mobilizada.
Análise visual	Enaltece outros signos que não verbais e sim visuais (Pode ser usado também na Análise de Discurso), vai além do dito, busca o teor das mensagens através da interpretação e negociação de sentido.
Análise conversacional	Enaltece a narrativa em movimento, presente na conversa do cotidiano, por exemplo. Busca a estrutura e a função narrativa, além da função da comunicação como transmissão de ideias. Valoriza os processos interacionais face a face (Próximo à Análise de Discurso).

Fonte própria adaptada da Tipologia de 4 estratégias de Riessman (2008), acrescentando tipo de análise

Todavia, pretendemos ir em outra direção, e estabelecer pontos de discriminação para o debate. Portanto, para iniciar o desenvolvimento do nosso argumento de modo mais claro e efetivo, apresentaremos uma breve diferenciação entre os termos: narrativa, análise de narrativa e análise narrativa.

Narrativa tem diferentes conceituações, entendida como técnica verbal (oral) de recapitulação de experiência (LABOV; WALETZKY, 1967), ou como texto falado ou escrito, dando conta de um

evento/ação ou série de eventos/ações cronologicamente conectados (CZARNIAWSKA, 2004, p. 17 apud CRESWELL, 2014). Destaque-se sempre o narrador e os episódios que ocorrem em tempo e lugar. As abordagens narrativas podem ser múltiplas, tais como: biográfica, quando o pesquisador escreve sobre a vida do pesquisado; autoetnográfica, quando o pesquisador escreve sobre si em relação ao contexto; história de vida, o pesquisador foca a vida inteira ou determinados episódios do sujeito entrevistado como experiência pessoal e história oral, quando o pesquisador coleta dados sobre reflexões pessoais sobre o vivido.

Cada modelo irá enaltecer um aspecto dando contornos próprios sustentado por sua base teórico-metodológica e campo de estudo, por exemplo, Psicologia, Linguística, Psicanálise, Sociologia etc. O campo da Linguística e a Literatura tende para a Análise Narrativa Textual com base no estruturalismo e ênfase na produção escrita, prioritariamente, embora exista outras possibilidades. O campo da Psicologia tem seus trabalhos divididos principalmente com base no estruturalismo e no cognitivismo. Consta-se que permanece o desafio da conceituação para os pesquisadores interessados em seu uso no campo de estudo narrativista da psicologia discursiva. Neste trabalho usaremos sua conceituação ampla, como produção de mensagem no processo interativo dirigida a um outro dentro de um contexto histórico sociocultural, com características próprias de temporalidade. Consideramos a construção da realidade na narrativa, logo não importa se ficcional ou não, pois sempre interpretativa.

Análise de narrativa(s) é quando se busca estudar a produção da narrativa, a capacidade de contar histórias. É uma perspectiva de investigação qualitativa, com relevância em Ciências Sociais e Humanas. Metodologicamente é um processo de construção da informação mediante relatos extraídos em entrevistas e outros materiais, e refletem as próprias experiências das pessoas. Há um predomínio ao estudo da narrativa verbal (escrita ou oral) humana, sendo que, para alguns autores é a única existente. Ela pode ser estudada pela Análise de Conteúdo, pela Análise de Discurso ou pela própria Análise Narrativa, por exemplo.

Análise Narrativa é um dos modelos de investigação possível para o estudo pautado na e/ou sobre narrativas, com regras próprias que tensiona desde o conceito de narrativa, ao processo de coleta e análise de dados. Este terceiro ponto nos interessa neste artigo, a seguir iremos detalhá-lo mais.

A narrativa pode ser estudada por diferentes métodos de análise atendendo aos preceitos da pesquisa qualitativa pelo caráter interpretativo dos dados representacionais coletados e que valorizam o aspecto simbólico do ser humano. Sem fugir à discussão quanto ao rigor metodológico nem à riqueza simbólica que escapa ao controle objetivo, escolhemos três deles mais utilizados. São eles: Análise de

Conteúdo, Análise Narrativa e Análise de Discurso. Embora existam semelhanças entre eles, há diferença no grau de objetividade e subjetividade manejados, ponto fulcral de nossa proposição. Quanto mais objetivo, maior proximidade com a pesquisa quantitativa, quanto mais subjetivo, mais próximo à hermenêutica fenomenológica (DITTRICH; LEOPARTDI, 2015).

Assim sendo, podemos ordenar os métodos de análise dos dados que utilizam a narrativa no sentido crescente da objetividade (caráter extensivo pregnante) à subjetividade (caráter intensivo pregnante) na interpretação dos dados da Análise de Conteúdo até à Análise de Discurso. A análise narrativa, por si só, varia da objetividade à subjetividade, dependendo da área base que a utiliza.

## **ANÁLISE NARRATIVA**

Este é um termo polêmico, pois comumente os pesquisadores o utilizam sem conceituá-lo primeiramente, e cada um usa conforme acepção própria. Eles variam desde análise narrativa segmentada, palavra a palavra até a compreensão que a leitura global é maior do que a segmentada. Percebe-se então que há uma variação no grau de objetividade e subjetividade. Enfatizaremos neste artigo, a análise narrativa que tende para a subjetividade.

Um exemplo desta diversidade é o uso da entrevista narrativa desenvolvida por Shütze (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008) dentro da visão dialógica na coleta de dados. Diferentes aspectos podem ser destacados nesta proposta, uma delas é a análise de posicionamento (MOUTINHO; DE CONTI, 2016). Este modelo baseia-se na investigação do dado narrado pelo narrador ao narratário (fictício ou real) e privilegia os textos verbais. A narrativa deve ser analisada como um todo, uma avaliação global, mesmo quando segmentada para a estruturação da investigação. Valorizam-se a coerência e a coesão dos textos, que podem ser observados na apresentação e interação dos personagens, o desenvolvimento da narrativa, coerência dos tempos verbais e marcação temporal e lógica.

Embora estas narrativas possam basear-se em fatos biográficos, o ficcional é considerado na construção de sentido do vivido feito pelo narrador. A narrativa envolve a performance e a construção interacional, pois aponta uma forma de agir e como atingir sua audiência, e esta retroalimenta a construção narrativa (RIESSMAN, 2008).

A análise narrativa pode se organizar em diferentes níveis textuais e diferentes marcadores discursivos, a escolher: dimensão das narrativas, estrutura de gênero narrativo, coerência e coesão textuais, coordenação e subordinação e sintaxe. Busca-se elementos para inferir a organização do pensamento narrativo e investigar a riqueza simbólica do narrador.

Os textos devem indicar o seu narrador com o uso de legendas criadas que podem ser as iniciais do nome ou suas características principais, tais como idade, gênero, e nível acadêmico. Na metodologia é importante que a caracterização dos sujeitos da pesquisa seja realizada de modo detalhado para fornecer elementos ao investigador em sua tarefa de análise.

## **ANÁLISE DE CONTEÚDO**

A análise de conteúdo se apoia prioritariamente na linguagem textual (verbal - oral ou escrita), embora também considere os aspectos não textuais tais como gestos, imagens e elaborações audiovisuais. Estuda o material simbólico \_ comunicação verbal (escrita ou oral), pictórica e musical. A sistematização é mais objetiva utilizando modelos ordenados que possibilitem medição, desde questões linguísticas às motivacionais. A escolha deste método utiliza a unidade de análise para sistematizar, definir, investigar a hipótese de estudo, além de estruturar as inferências sobre os aspectos principais presentes no texto. Visa compreender as causas ou elementos que antecedem a mensagem valorizando os efeitos que a comunicação produz no meio. (PÉREZ SERRANO, 1984, 1994).

O próprio conteúdo produz o material simbólico a ser analisado. A coleta de dados contempla desde entrevistas semidirigidas ao uso de questionários, com preferência aos dados objetivos nas dimensões comunicativas que possibilitam a reformulação das unidades de significação e suas conexões.

Permite investigar semelhanças e diferenças temáticas entre relatos, e permite estabelecer conhecimentos gerais sobre os temas centrais. Quanto ao método de análise, o texto é dividido em unidades de conteúdo e podem ser analisados estatisticamente ou descritivamente. Este é um de seus principais diferenciais, embora seja uma pesquisa de cunho qualitativo, pode ser tratada quantitativamente, visto que organiza os dados numericamente a partir da frequência de ocorrência de determinados termos, expressões ou temas. Esta característica amplia sua aplicação por profissionais de áreas distintas associado à possibilidade do uso de softwares para tabulação e análise dos dados.

Bardin (1986) destaca-se nesta proposta por sua sistematização no tratamento dos dados. Ela favorece o estudo estrutural do conteúdo simbólico, definindo unidade de análise que requerem a determinação do significado objetivável. Os temas da investigação aparecem no agrupamento em categorias (a priori, a posteriori e misto). O proposto nesta análise do texto analítico (textual ou não-textual) registrado no corpus textual. Define-se como um conjunto de procedimentos que possibilita a interpretação binária que envolve o sentido do texto e o processo interpretativo. As formulações são construídas utilizando como referência as relações entre os dados coletados e o contexto da qual

emergem. O tratamento dos dados é formulado a partir da unidade lexical mínima (lexema) e, com o uso de uma teoria analítica os dados são decompostos em frequência presença ou ausência de palavras.

As unidades de contexto são definidas pela semelhanças ou diferenças ao se relacionar as categorias entre si, o que permite a formação diferenciada de estruturas ou esquemas de categorias que serão subdivididas em subcategorias que atenderam aos critérios de classificação sintáticos (análise quantitativa), semânticos (análise temática) e pragmáticos (refere-se ao aspecto instrumental com ênfase no uso da linguagem e das atitudes).

## **ANÁLISE DE DISCURSO**

A Análise de discurso considera o discurso como uma atividade interativa, com o objetivo central da articulação da enunciação com determinado lugar social, isto é, discurso refere-se à prática social de verbalização. Podemos considerar toda produção de linguagem como discurso. É um método de estudo dos fenômenos sociais, cujo propósito é a conexão entre os discursos e o contexto.

A Análise do discurso tem como objeto as relações entre as estruturas do texto, da fala, do uso da linguagem, da interação verbal e da comunicação visando produzir descrições textuais e contextuais explícitas e sistematizadas de unidades de uso da linguagem ao que se denomina discurso (VAN DIJK, 1990), é "o estudo do uso real da linguagem por falantes reais em situações reais" (VAN DIJK, 1985 (p.1-2) *apud* SATRIANO; MOSCOLONI, 2000), ou o uso da língua sob diversos âmbitos comunicacionais, como a etnometodologia que destaca o estudo conversacional do cotidiano, que considera a fala informal nas relações sociais em vários contextos (GARFINKEL, 1967).

A análise do discurso é um ponto de encontro nas ciências humanas, o que a torna instável em termos de sua definição. Alguns apontam para o sociológico, o psicológico, o linguístico, o antropológico, o psicanalítico etc. (SATRIANO, 2000).

O discurso é a “palavra em movimento, prática de linguagem” (ORLANDI, 2009, p. 15), o lugar de construção de um sujeito, pois é deste lugar que ele constrói a si e o mundo. O discurso emerge e se organiza por força dos elementos constitutivos da enunciação. Portanto, o enunciado é fruto da enunciação e o estudo do discurso enunciado precisa ocorrer em concomitância.

Seu objeto de estudo pode variar desde uma conversação entre dois sujeitos, à análise de uma obra de arte ou propaganda televisiva, o que estas possibilidades têm em comum é o estudo do texto como um conjunto de signos coerentes presentes na conexão dos elementos (BAJTIN, 1977; VAN

DIJK, 1980). Portanto, se o discurso está emoldurado por um contexto que se amplia pela base cultural no qual se sustenta e situacional pelo aspecto da individualidade das construções, é possível, apontá-lo como intercâmbio de atos de fala (CICOUREL, 1980).

Embora a análise de discurso também se apoie no texto, sem desconsiderar o não textual (não-verbal), valoriza a coerência presente na relação com o contexto, aparece então o não dito, ou seja, o sentido implícito nas dinâmicas do texto ao longo do tempo em consonância com o contexto (BELLERT, 1970). São valorizados aspectos semióticos ligados à retórica (SAUSSURE, 2007 [1916]; STRAUSS; CORBIN, 1990), aspectos semânticos presentes nas diferentes funções dos participantes na construção dos significados (VAN DIJK, 1990), isto é, o estudo da construção de sentido no nível das unidades significativas elementares não no nível dos signos, e, por fim, aspectos sintáticos relacionados à caracterização formal da estrutura gramatical.

A identificação do componente pragmático presente na descrição permite ao conhecer a especificidade do ato social. Por isso, o nível pragmático encontra-se como última fase da análise. O discurso apresenta três níveis principais: formas da oração, significados e atos da fala. Apesar de existir outros níveis descritivos mais globais que avaliam parte ou o discurso completo.

A análise do discurso considera, no mínimo, dois níveis linguísticos: sintáticos, sintaxe estrutural dos enunciados (caracterização formal aprofundada) e semânticos, no qual as características das respostas são aprofundadas e o significado é incluído, no nível das unidades significativas elementares e não no nível dos elementos (sinais). Reduzem a multidimensionalidade do fenômeno discursivo observado, como um passo na lógica de redução qualitativa. A ação discursiva e enunciativa são áreas que se completam com uma análise dos níveis semântico e sintático do texto, porque são complementares (SATRIANO; MOSCOLONI, 2000, SATRIANO, 2002).

## **ANÁLISE NARRATIVA DIALÓGICA EMANCIPATÓRIA**

A análise narrativa dialógica emancipatória, assim como as demais proposições de análise, leva em consideração o narrador (pessoa ou grupo) em interação e o episódio narrado no contexto espaço-temporal. Contudo, calcada na valorização da subjetividade, aponta a interação como característica principal de investigação e destaca a possibilidade de sua contribuição emancipatória. Ela pauta-se no estranhamento, no movimento, na ruptura, no inesperado. Pode abordar questões sintáticas, semânticas e pragmáticas.

Aproxima-se da modalidade de análise de discurso, e talvez possa até mesmo ser considerada com um desdobramento de análise de um gênero discursivo, pela atenção dada ao não dito, sem desconsiderar o dito. A modalidade proposta leva ao extremo o valor das produções textuais e não textuais, buscando compreender o processo de construção e negociação de sentidos pesquisador-pesquisado.

A análise narrativa dialógica tem proximidade com a análise de conteúdo no que tange a possibilidade de organização dos dados pautados nas regras de enumeração: presença, frequência, intensidade e direção. Os dados coletados podem ser categorizados em unidades de acordo com categorias estabelecidas a priori ou a posteriori.

Diferentemente das três modalidades anteriores, o vetor não é unidirecional. A análise narrativa dialógica pressupõe a negociação de sentido como aspecto central e o caráter psíquico dinâmico envolvido no processo. Assim sendo, a análise narrativa dialógica ultrapassa o texto verbal (oral e escrito), assim como propõe o vetor bidirecional não trivial, isto é, para compreensão do sentido construído, a interpretação se aplica neste espaço e processo dialógico semiótico, demandando o olhar não apenas para o sujeito pesquisado, mas para o próprio pesquisador e o contexto.

Existem algumas etapas do procedimento sugeridas que se utilizam do raciocínio lógico e demandam o domínio de algumas técnicas linguísticas (análise semântica - atribuição de sentido), contudo, o principal é ultrapassar o nível do visível, do observado diretamente, do descrito de modo linear para enaltecer a sensibilidade, a intuição, a observação do não dito). Não há a pretensão de delinear uma verdade total e única, visto sua impossibilidade e inexistência. Considera-se os pressupostos da epistemologia não-ordinária, com destaque para a articulação entre a Teoria da Complexidade e a Teoria do Mosaico dos Isomorfos Não-Triviais (*apud* MARQUES, 2005).

## **PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE NARRATIVA DIALÓGICA EMANCIPATÓRIA**

Como nos demais modelos de análise, a análise narrativa dialógica emancipatória trata dos dados de modo sistemático: coleta as informações, organiza e, interpreta. Interpretar é diferente de ver, porque no interpretar há a indagação do que não é percebido e os motivos que podem interferir neste movimento. “O homem não consegue esconder sua linguagem inconsciente de um observador avisado... e nem dele mesmo” (WEIL; TOMPAKOW, 2008 [1986], p. 245).

Existem outras modalidades narrativas, além da verbal (oral e escrita). A narrativa corporal ou narrativa por imagens pode ser coletada e registrada em vídeo ou foto. A narrativa pode ser usada por pessoa afásica, pessoa com comprometimento motor e/ou intelectual grave, ou pessoa pré-linguística, por exemplo. O pesquisador vai ao encontro desta pessoa e busca compreender sua organização, considerado característica e não déficit, este é seu ponto de partida. Há distanciamento e desencontro caso o pesquisador coloque-se como modelo narrativo e tenha expectativa de que o sujeito pesquisado narre dentro deste modelo, distorção ética do pesquisador.

O pesquisador lidará com conteúdos manifestos (explícitos - conscientes) e latentes (implícitos - inconscientes) do sujeito participante da pesquisa e seu próprio. É preciso um manejo técnico em ambos os casos.

Para iniciar o trabalho, o pesquisador retoma seus pressupostos: a) questões advindas do seu problema de pesquisa (o que ele indaga, o que quer saber); b) formulações da abordagem conceituais que adota (gerando polos específicos de interesse e interpretações possíveis para os dados); e c) a própria realidade sob estudo (que exige um "espaço" para mostrar suas evidências e consistências) (ALVES; SILVA, 1992). Tendo a variável como norte, procurará regularidades e dissonâncias.

A transcrição pode ser literal ou parcial (específica ao foco da pesquisa), depende do objetivo do pesquisador, mas deve ser indicada na metodologia (procedimento e justificativa. Os erros de linguagem (orais) não precisam ser editados pelo pesquisador, visto que a regra da oralidade não é a mesma da regra escrita. Mas, existe a possibilidade destes erros serem eliminados com justificativa do pesquisador.

Sugerimos o uso do cabeçalho na folha de transcrição contendo: a) nome do entrevistador, data e local do dado coletado, b) identificação do entrevistado e sua sigla correspondente para manter o anonimato, c) hora do início e hora do término, duração, d) indicação da transcrição - literal ou parcial, e) comanda feita que serviu como gatilho para a entrevista. Pode-se usar uma tabela para organizar os dados, composta pelas colunas: 1) tópico - com a numeração de cada linha para facilitar a localização do trecho desejado, 2) tempo - usado em transcrição de áudio e vídeo, marcando a localização exata em segundos do trecho observado, 3) transcrição - registro do texto em destaque, 4) tema - unidade representativa do registro, 5) conceito, interlocutor - indicação da teoria/conceito básico com referência autor e ano, relacionado à transcrição e tema, 6) Observações e comentários - descrever o contexto espaço-temporal, comparar as anotações do diário de campo com as observações das transcrições, reflexões despontadas pela aplicação do olhar fluido.

O diário de campo pode colaborar muito com a (auto)reflexão do pesquisador. A coleta de textos orais, por exemplo, tradicionalmente prevê os passos: gravação, transcrição, textualização e transcrição (CALDAS, 1999). Contudo, propomos que o diário do pesquisador seja usado desde o início da pesquisa, registrando todo o processo da pesquisa. Existem momentos marcantes, tais como antes da gravação. No diário serão registrados, os pensamentos, sentimentos e motivação do pesquisador ao longo da trajetória, e buscará destacar e descrever as entrelinhas, por exemplo, no momento da gravação, registrar não apenas o texto, os conteúdos que apareceram, mas o contexto espaço-tempo da gravação, a característica do encontro e como cada qual se apresentou para ele, pesquisador e sujeito participante da pesquisa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A comparação entre Análise (de) narrativa, de conteúdo e de discurso caracterizou cada possibilidade metodológica. O pesquisador precisa ter consciência desta especificidade para escolher com melhor precisão e de acordo com seu compromisso ético e político-ideológico.

A proposta de Análise Narrativa Dialógica Emancipatória ainda está em sua fase inicial de estruturação, mas já apresenta seus fundamentos, necessitando mais aplicações práticas para delinear as colaborações e os entraves desta escolha.

De modo antecipado, pode-se inferir que as principais dificuldades estão na formação do pesquisador e de sua abertura para a autorreflexão e autocrítica.

Existe um longo caminho de aproximação entre a Academia e a comunidade em geral, a Análise Narrativa Dialógica Emancipatória mostra-se ciente e comprometida com o ideal da interlocução e construção coletiva. Não há neutralidade na construção científica, portanto, a ética e a consciência do pesquisador devem estar atreladas uma a outra.



## Referências

- ALVES, Z. M. M. B.; SILVA, M. H. G. F. D. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, n. 2, p. 61-69, July 1992. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X1992000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso Jan 2019.
- ATLAN, H. As finalidades inconscientes. In THOMPSON, W. I. (org.) *Gaia: uma teoria do conhecimento*. São Paulo: Gaia, 2014.
- BAJTIN, M. El problema del texto, In A. PONZIO. *Michail Bachtin. Semiótica, teoria della letteratura e marxismo*, Dedalo. Bari, 1977.
- BARDIN, L. *El análisis de contenido*. Madrid, Akal. 1986.
- BELLERT, I. On a condition of the coherence of texts. *Semiótica*, v.2, p.335-63, 1970. Disponível em <<https://www.degruyter.com/abstract/j/semi.1970.2.issu-e-4/semi.1970.2.4.335/semi.1970.2.4.335.xml>>. Acesso em Janeiro de 2016.
- CALDAS, A; L. *Caderno de criação*. Ano VI, Nº 19, Agosto, Porto Velho, 1999. Disponível em <<http://www.albertolinscaldas.unir.br/transcriacao.html>>. Acesso em Maio de 2019.
- CICOUREL, A. *Language and Social Interaction: Philosophical and Empirical Issues*. Working Papers-Università di Urbino. 1980.
- CRESWELL, J. W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Coleção Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Penso, 2014.
- DITTRICH, L. G.; LEOPARTDI, M. T. *Hermenêutica fenomenológica: um método de compreensão das vivências com pessoas*. *Discursos Fotográficos*, Londrina, v.11, n.18, p.97-117, jan./jun. 2015. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/282400853\\_Hermeneutica\\_Fenomenologica\\_um\\_metodo\\_de\\_compreensao\\_das\\_vivencias\\_com\\_pessoas](https://www.researchgate.net/publication/282400853_Hermeneutica_Fenomenologica_um_metodo_de_compreensao_das_vivencias_com_pessoas)>. Acesso em Março de 2019.
- DUSSEL, E. D. *Método para uma filosofia da libertação: superação analética da dialética hegeliana*. Tradução de Jandir João Zanotelli. São Paulo: Loyola. 1986.
- DUSSEL, E. D. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. *Entrevista narrativa*. In M. W. BAUER & G. GASKELL (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodology*. New Jersey: Prentice Hall, 1967.
- GERMANO, I.; CASTRO, C. A. *Pesquisa em Saúde: perspectivas narrativista, métodos e níveis de análise*. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 28, n. 60, p. 17-29, jan./mar. 2010. Disponível em <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/download/19683/19011>>. Acesso em Janeiro de 2018.
- LABOV, W. & WALETZKY, J. *Narrative Analysis: oral versions of personal experience*. In: HELM, J. (Ed.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967.
- LELOUP, J. Y.; CREMA, R. *Dimensões do Cuidar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MARQUES, V. *Ruptura epistemológica e Psicologia: importância do olhar fluido*. Tese de Doutorado em Psicologia. Oriet. Profa Maria Luiza Seminerio. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em

<[https://www.researchgate.net/publication/315805535\\_Ruptura\\_epistemologica\\_e\\_psicologia\\_a\\_importancia\\_do\\_olhar\\_fluido](https://www.researchgate.net/publication/315805535_Ruptura_epistemologica_e_psicologia_a_importancia_do_olhar_fluido)>. Acesso em Março de 2019.

MEDEIROS, A. M. Espiritualidade e Saúde: um outro olhar sobre o modelo biomédico de atenção à saúde. Anais. VIII Congresso Internacional em Ciências da Religião. Espiritualidade e Saúde: um outro olhar sobre o modelo biomédico de atenção à saúde. Apresentação de Trabalho/Comunicação. 2016. Disponível em <[http://files.conscienciapolitica.webnode.pt/200006254-17df818da3/Texto%20completo\\_Espiritualidade%20e%20Sa%C3%BAde.pdf](http://files.conscienciapolitica.webnode.pt/200006254-17df818da3/Texto%20completo_Espiritualidade%20e%20Sa%C3%BAde.pdf)>. Acesso em Janeiro de 2019.

MOUTINHO, K.; DE CONTI, L. Análise Narrativa, Construção de Sentidos e Identidade. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Abr-Jun 2016, Vol. 32 n. 2, pp. 1-8. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v32n2/1806-3446-ptp-32-02-e322213.pdf>>. Acesso em Novembro de 2017.

OLIVEIRA, V. M.; SATRIANO, C. R. Narrativa, subjetivação e enunciação: reflexões teórico-metodológicas emancipatórias. Linhas Críticas. v. 20 n. 42, 2014: Narrativas de Formação. Dossiê 2014. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4275>>. Acesso em Março de 2019.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

PAZELLO, R. P.; MOTTA, F.H.R. Libertação e emancipação: uma revisão conceitual para a América Latina. Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados, v.2. n.3, jan./jun., 2013 Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/download/2393/1527>>. Acesso em Janeiro de 2019.

PÉREZ SERRANO, G. El análisis de contenido en la prensa. La imagen de la Universidad a Distancia. Madrid, U.N.E.D, 1984.

PÉREZ SERRANO, G. Investigación cualitativa. Retos e interrogantes I y H. Madrid, La Muralla, 1994.

RIESSMAN, C. K. (Ed.). Narrative Methods for the Human Sciences. California: Sage, 2008

SATRIANO, C. Construcción del tratamiento del “Dato” en un estudio sobre desnutrición infantil. Chile. Cinta de Moebio Nro 13. Revista de Epistemología en Ciencias Sociales. 2002. Disponível em <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10101309>>. Acesso em Janeiro de 2019.

SATRIANO, C.; MOSCOLONI, N. Importancia del análisis textual como herramienta para el análisis del discurso. Chile. Cinta Moebio 9: 287-306. Revista de Epistemología de Ciencias Sociales. . ISSN 01717-554 X. 2000. Disponível em <<http://www.redalyc.org/pdf/101/10100905.pdf>> Acesso em Janeiro de 2019.

SAUSSURE, F. Curso de lingüística general. Tomo I. Buenos Aires: Losada. 2007 [1916].

STRAUSS, A.; CORBIN, J. M. Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques. Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, 1990.

VAN DIJK, T. Texto y Contexto. Cátedra, Madrid, 1980.

VAN DIJK, T. La noticia como discurso. Comprensión, estructura y producción de la información. Paidós comunicación. Buenos Aires, 1990.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. 64. ed. Petrópolis: Vozes. 2008 [1986].

Recebido em: 08/09/2019

Aceito em: 30/11/2019

Endereço para correspondência:

Nome: Valéria Marques

Email: marquesvaleria@globo.com



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).